

# Inglês no Instituto Nacional de Tecnologia

## — Uma Experiência Didática

*Sarita Konder* \*

1. Introdução. 2. A Situação do Instituto Nacional de Tecnologia. 3. Métodos e Objetivos Gerais. 4. Princípios para o Ensino de Inglês no Instituto Nacional de Tecnologia. 5. Divisão das Turmas. 6. O Livro Didático. 7. Duração do Curso. 8. Exposição e Análise Crítica do Trabalho Executado em 1969.

### 1. INTRODUÇÃO

É indiscutível a importância da língua inglesa em todos os aspectos da vida atual.

A bibliografia encontrável neste idioma é vastíssima e atende a qualquer interesse do indivíduo no que diz respeito às suas horas de lazer e, principalmente, no que tange a sua vida profissional.

Além disso, dia-a-dia, maior é a necessidade, tanto para o técnico, como para o profissional liberal, de um intercâmbio cultural com outros países e de um contato pessoal com estudiosos de outras nações. Este diálogo existe e se utiliza, via de regra, da língua inglesa. Estudantes ou profissionais de química, odontologia, física, medicina, matemática, professores que buscam o mestrado, doutorado etc., dificilmente podem prescindir deste idioma.

\* Professora do Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Nacional de Tecnologia.

Todos têm consciência de que nosso país necessita de técnicos verdadeiramente gabaritados e, para tal, é preciso que possam usar o idioma em pauta como *instrumento*. Daí a necessidade premente de se começar a pensar no ensino de inglês com um objetivo diferente do usual, através da estruturação de um currículo específico de inglês técnico.

Seria do máximo interesse para os nossos futuros técnicos e profissionais liberais que a cadeira de *inglês técnico* fôsse incluída no currículo universitário, o que já se faz em outros países, mesmo da América Latina, como, por exemplo, na Universidade Austral em Valdivia, Chile. Na Guanabara temos conhecimento de que no ano letivo de 1970 na Faculdade de Letras da U.F.R.J., serão ministradas aulas de *inglês instrumental*.

## 2. A SITUAÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA

O Instituto Nacional de Tecnologia vem sentindo os efeitos negativos desta lacuna no currículo universitário; seus técnicos vêm encontrando dificuldades em atualizar seus conhecimentos, devido à deficiência na aprendizagem da língua inglesa, razão pela qual o professor Ernesto Tolmasquim, Diretor da 12.<sup>a</sup> Divisão deste Instituto, houve por bem iniciar um curso deste idioma, a fim de propiciar aos profissionais, ali militantes, maiores possibilidades em suas pesquisas, bem como maior desembaraço em seus contatos habituais com personalidades que, vindas do exterior, visitam aquela instituição e ali fazem conferências e promovem debates.

## 3. MÉTODOS E OBJETIVOS GERAIS

Desde o primeiro contato que mantivemos com o professor Ernesto Tolmasquim, ficou estabelecido que o método a ser empregado seria o do *oral-aural-approach*, isto porque a aprendizagem de qualquer idioma não se deve basear na mera aquisição de uma “série de regras gramaticais e de palavras soltas”. Deve, tanto quanto possível, evitar que o aluno se iniba fazendo com que aprenda o novo idioma da mesma forma que aprendeu sua própria língua.

Leonard Bloomfield ensina que “Each sentence is an independent linguistic form, not included by virtue of any grammatical construction in any larger linguistic form”. Partindo desta premissa,

o professor Charles C. Fries, em seu livro *The structure of English* (New York, Harcourt, Brace & World), deu um enfoque mais atualizado ao ensino da língua inglesa.

Baseados em Bloomfield, Fries e alguns outros especialistas, e, logicamente, não nos afastando jamais da realidade brasileira, chegamos à conclusão de que empregariamos o *oral-aural approach*, método preconizado por vários estudiosos e já ampla e entusiasticamente empregado em outros países.

Os objetivos precípuos deste método são conseguir que o aluno entenda, fale, leia e escreva o idioma que está estudando, nesta seqüência. No caso do ensino de inglês como *instrumento*, não se torna necessário que todos estes quatro objetivos sejam atingidos plenamente.

Outra característica do referido método, baseado nos mais modernos conceitos lingüísticos, é que *a unidade de comunicação é a frase*.

#### 4. PRINCÍPIOS PARA O ENSINO DE INGLÊS NO INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA

Tendo em vista as necessidades do Instituto Nacional de Tecnologia, decidimos que o ensino de inglês deveria ser focado de maneira diferente da que o é nos cursos secundários ou em institutos que se dedicam quase que exclusivamente ao ensino deste idioma.

Para alcançarmos os nossos objetivos específicos e dotarmos os técnicos de um conhecimento adequado do idioma, foi decidido que o estudo deveria ser feito em três etapas distintas:

Primeira etapa: exclusivamente dedicada à aquisição de estruturas básicas que servissem a quaisquer fins (conversa amena com visitantes etc.)

Segunda etapa: dar-se-ia prosseguimento à aquisição de estruturas, agora intermediárias, já nesta fase ligadas ao interesse dos profissionais.

Terceira etapa: dedicada à aquisição de estruturas mais elaboradas e intimamente ligadas às necessidades dos técnicos.

Este tipo de programa é adotado em várias universidades, inclusive na Universidade Austral, pelo professor Maurício Pilleux Dresdner.

O Instituto Nacional de Tecnologia apresentava dois grupos distintos de alunos, a saber:

- os que não tinham conhecimento algum do idioma;
- os que haviam estudado inglês, quer particularmente, quer no curso secundário.

Chegamos porém à conclusão de que este segundo grupo deveria apresentar grandes deficiências nos seus conhecimentos estruturais, por ter estudado o idioma por métodos pedagógicos que são, hoje em dia, condenados por todos os grandes estudiosos dos problemas ligados ao ensino de um idioma estrangeiro.

Como os professores de língua estrangeira militantes não o desconhecem, há várias condições que precisam ser preenchidas para que o trabalho pedagógico logre algum sucesso. Uma destas condições é que as turmas apresentem a maior homogeneidade possível.

##### 5. DIVISÃO DAS TURMAS

Atendendo a este princípio, resolvemos aplicar um *teste de reflexos* que constou de cento e cinquenta lacunas a serem preenchidas no espaço de sessenta minutos improrrogáveis. Os alunos foram advertidos de que quaisquer rasuras seriam consideradas como erros.

Optamos pelo teste elaborado na Universidade de Michigan pelos eminentes professores Charles C. Fries e Roberto Lado.

Desta maneira conseguimos formar duas turmas bastante homogêneas.

Para que o rendimento fôsse o melhor possível, fixamos que cada turma teria um máximo de quinze alunos, o que nos permitiria um atendimento individual bastante aceitável.

A primeira turma teria suas lições, em ritmo normal, dedicadas à execução da primeira etapa do programa proposto.

A segunda turma faria o mesmo, em ritmo mais acelerado, e, além disso, daria seus primeiros passos com vistas à segunda etapa.

## 6. O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático escolhido foi *First things first*, de L. G. Alexander, que foi utilizado simultâneamente com os *tapes* a êle referentes.

Fomos muito influenciados na escolha dêste livro pelas idéias do professor Nelson Brooks, que diz em seu livro *Language and language teaching* (New York, Harcourt, Brace & World) que: "Language in dialogue form is most rewarding for the learner to work with at the early level. It involves a natural and exclusive use of the audio-lingual skills. All the elements of the sound system appear repeatedly". *First things first* atende a essas idéias. Acreditamos ter acertado na escolha, face aos resultados obtidos.

L. G. Alexander, no prefácio do livro dedicado aos professôres, aconselha que o curso seja ministrado com a carga semanal de quatro horas, durante nove meses.

Infelizmente não foi possível seguir o conselho do autor, por motivos independentes da vontade do professor Ernesto Tolmasquim e da parte contratada para ministrar as aulas.

Apesar disto, tínhamos esperanças de poder levar a têrmo o trabalho com um menor número de aulas, se atentássemos para o fato de que as turmas eram compostas de adultos profundamente automotivados e, portanto, muito receptivos. O próprio Alexander sugere aos professôres que êstes tenham flexibilidade para fazer a dosagem de seu ritmo de trabalho, de acôrdo com a *resposta* dos alunos.

A segunda turma, por se constituir de alunos, que mal ou bem, já eram iniciados no idioma inglês, conforme seria de se esperar, não apresentou problemas em certo número de unidades e, por isso, foi possível levar o livro-texto até o fim. Com relação à primeira turma, de iniciantes, vimo-nos forçados a sacrificar a quantidade à qualidade, o que fizemos sem titubear. Em todo caso, cremos que, mesmo quantitativamente, o trabalho foi bastante positivo, pois, das cento e quarenta e quatro lições ou setenta e duas unidades, faltou-nos cumprir apenas três lições ou uma unidade e meia.

## 7. DURAÇÃO DO CURSO

O curso durou oito meses, tendo-se iniciado aos 9 de março de 1969 e encerrado aos 9 de dezembro do mesmo ano.

A carga horária semanal foi de três horas, em dias alternados.

## 8. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DO TRABALHO EXECUTADO EM 1969

O trabalho que iríamos iniciar apresentava-se como uma excitante expectativa, pois sabíamos que estávamos tendo a oportunidade de fazer uma experiência didática inteiramente nova para nós. Já havíamos lido vários trabalhos sobre o método, mas não tínhamos tido ensejo algum de testá-lo na prática.

O método exige, além de fluência oral, um estado de tensão permanente, por parte do professor. Dos alunos se espera o que costumamos chamar de *state of readiness*.

Alexander parte dos seguintes postulados:

- Nada deverá ser falado sem ter sido antes ouvido;
- Nada deverá ser lido sem ter sido antes falado;
- Nada deverá ser escrito sem ter sido antes lido.

Para se atingir êstes objetivos, os procedimentos didáticos a serem adotados são, em linhas gerais, os seguintes:

- 1.º Ouvir o professor ou o *tape*. Os livros permanecem fechados;
- 2.º Ouvir e compreender o professor ou o *tape*. Os livros abertos, mas o texto coberto por uma máscara. Os alunos tentam compreender, ligando o que escutam às gravuras. O professor ajuda dizendo o número da gravura a que cada frase se refere, antes que a mesma seja enunciada;
- 3.º Ouvir o professor ou o *tape*. Os livros fechados, mas, agora, os alunos já têm possibilidade de compreender grande parte do diálogo, pois já houve um condicionamento audiovisual;
- 4.º Repetir após o professor. Os alunos ouvem e repetem cada frase lida pelo professor. Os livros permanecem fechados;

- 5.º) Repetir após o professor. O procedimento é bastante semelhante ao do item anterior. A única diferença é que a repetição será feita por um pequeno grupo, ou mesmo por um só aluno;
- 6.º) Repetir após o professor. Usa-se a repetição em câoro total, parcial, ou mesmo individual. Desta vez com o livro aberto e sem usar a máscara.

O uso da língua materna é evitado sempre que possível. Lançando-se mão de recursos outros como, por exemplo, mímica, *redlia* etc. Cremos, no entanto, que não se deve transformar isto num “cavalo de batalha”. Há determinadas ocasiões em que o uso da língua materna é, não só aconselhável, como indispensável.

O livro parte das estruturas mais simples e, lenta e gradativamente, vai tornando-as mais difíceis e complexas, sem, porém, criar nenhum impacto maior para o aluno. O autor se utiliza da contextualização e do ensino situacional em diferentes estágios.

Não se explicam as estruturas. Estas são fixadas através da repetição de *patterns*. Abandona-se, com isto, o método indutivo da maneira que vinha sendo aplicado até então. Usam-se, todo o tempo, estruturas progressivas e estáticas.

As estruturas progressivas correspondem as formas como, por exemplo, pequenas respostas: Yes, I do. No, I'm not etc.

As estruturas estáticas correspondem, por exemplo, o emprêgo correto do pronome relativo, ou do grau do adjetivo etc., o que se pode obter fâcilmente com um número limitado de lições e exercícos.

Os métodos usados até há pouco pecavam básicamente no que diz respeito às estruturas progressivas.

Não faremos, aqui, uma análise mais minuciosa de como aplicar com resultados positivos êstes dois tipos de estrutura por se tratar de matéria que escapa às metas dêste trabalho.

Os textos apresentados não fogem à realidade, não apresentando perguntas ridículas tais como: “A mesa anda?”, ou declarações tôlas como: “Eu tenho duas mãos”.

Além do livro-texto e dos *tapes*, Alexander preparou o livro do professor que tem, como função, orientar o docente no planeja-

mento das aulas. Cada aula deve ser planejada cuidadosamente, por escrito, sem o que haverá prejuízo de tempo, e a fixação das estruturas deixará muito a desejar. Como Alexander dá apenas o esquema da aula, não fornecendo seu plano completo, é deixada uma grande margem para a capacidade criadora de cada professor, seu capricho, responsabilidade e amor ao trabalho. Nas mãos de professores que não apresentem as qualidades acima referidas, o método tende a fracassar.

Começamos a dar as aulas obedecendo às normas propostas pelo professor Alexander e observando atentamente os alunos. Pouco a pouco fomos introduzindo pequenas alterações, provocadas pelas diferentes reações dos discentes.

A primeira modificação que fizemos, diz respeito ao número de repetições, quer nas lições ímpares — que introduzem os diálogos —, quer nas lições pares, onde se fixam as estruturas introduzidas no diálogo que as precede.

Shirley Stryker diz-nos que, por vêzes, há necessidade de se fazer de vinte a cinquenta repetições de uma estrutura de comprimento médio, visando a obtenção de um resultado perfeito em pronúncia, ritmo e velocidade normal, entonação normal e contínua.

Dado aos objetivos específicos dêste curso, e apesar de reconhecermos o acerto da recomendação da professora Stryker, resolvemos sacrificar em parte a perfeição oral. Reduzimos as repetições, pois temíamos correr o risco de provocar a *desmotivação*.

Todos os demais problemas que surgiram foram paulatinamente sanados. Restou-nos o mais sério, e aquêle que receávamos desde a primeira análise do método: a monotonia. Na primeira turma, onde o problema se apresentou com menos intensidade, procuramos minimizar a situação criando um ambiente alegre e um ritmo de trabalho rápido. Ao menor sinal de cansaço, mudávamos a técnica de aplicação dos exercícios de estrutura, fazíamos um pequeno intervalo introduzindo um comentário qualquer para quebrar um pouco a tensão. Na segunda turma, o problema se nos apresentou mais grave, face às características específicas do grupo de alunos e ao fato, não existente na primeira turma, de já terem um início de inglês. Além de usarmos dos recursos acima mencionados, introduzimos pequenos diálogos sôbre o cotidiano — tra-



balho, lazer e diversão — e pedimos a cada aluno que trouxesse um pequeno texto, em inglês, sobre assunto técnico. Depois de recolhidos todos os textos, organizamos um pequeno jornal, contendo notícias científicas, as mais atuais possíveis, e fizemos uso deste jornal toda vez que sentimos necessidade de revigorar a motivação.

Promovemos duas aferições de aprendizagem: no meio e no fim do curso. Os resultados obtidos nas duas turmas foram excelentes. O mais importante, no entanto, é que os alunos sentiram seu progresso e, assim, ao final do curso, se encontravam mais motivados do que no início.

#### SUGESTÕES

Uma das alterações sugeridas, e já aceitas para o novo ano letivo, baseada na experiência de 1969, foi que o curso tivesse a duração de nove meses, para que se pudesse levar a cabo o programa de maneira menos tensa. O método utilizado tem, como uma de suas características negativas, o desgaste físico e psíquico do professor, como foi demonstrado, em artigo bastante interessante, pelo professor Richard C. Bedford, na revista *Forum*, v. 7, n.º 3, maio/jun. 1969.

A esta exaustão já prevista, juntou-se o estado de tensão provocado pelo nosso senso de responsabilidade no que tange aos compromissos assumidos na primeira entrevista com o Diretor da Divisão.

No período de 1970, lançamos mão da técnica de memorização e dramatização dos diálogos encontrados no livro-texto, para obter maior fluência, seguimos assim os princípios preconizados por Brooks, Lado, Stryker, e outros autores, usando uma das técnicas mais recomendadas nos últimos trabalhos sobre lingüística em nosso campo.

Além disso, usaremos o recém-publicado libreto que complementa de *First Things First*, onde encontramos exercícios suplementares.

Encomendamos à Longmans os *filmstrips* relacionados ao livro-texto. Cremos que, desta maneira, conseguiremos resultados ainda melhores e combateremos, de maneira ainda mais eficiente, o risco da monotonia, provocada pela rotina que sempre existe em qualquer processo de aprendizagem.